O DEMOCRATA

(Aveiro)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 36.º — N.º 1810
Sábado, 13 de Novembro de 1943

VISADO PELA CENSURA

Verão de S. Martinho

A crónica que vai lêr-se é da autoria de Ramalho Ortigão, e foi inserta na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, em 1895, sendo por isso, um trecho quási desconhecido no nosso país e que vem a propósito nesta altura em que o *Verão de S. Martinho* se assinala tão belo como a prosa encantadora do glorioso escritor.

Segue:

Partiram as andorinhas, abandonando altivamente ao sudoeste, à chuva e ao frio os ninhos feitos com tanta curiosidade e tanto carinho no beiral do meu telhado. Cessaram de cantar os grilos nas cearas, ao bafo tépido e embalador da canicula, sob o extase magnético da lua. As abelhas douradas não zumbem, nem as borboletas brancas adejam flexuosas nos polvilhamentos trepidantes da luz, em torno das flôres dos jasmins e das laranjeiras amornadas pelo sol. Não se ouve a cotovia nos pomares em flôr, onde a seiva adorífera transborda da folhagem em espumas brancas e côr de rosa; nem os rouxinois soluçam pelas devezas o trilo amoroso, que a respiração da terra, acalentada e adormecída balouça errante no espaço, sob o fláxido influxo do sete-estrelo, num aroma de moscatel e de morango.

O Outono veio. Emudeceram os insectos e as aves. As árvores desfolhadas assumiram uma configuração denegrida e esquelética.

As fôlhas amarelecidas e ferrugentas rolam com um sussurro tormentoso pelo solo humido das melancólicas alamedas. A água das lagôas, glauca e funda, parece ter um sedimento elegiaco, como se nela se misturassem as lágrimas amargas, vertidas das nuvens pardacentas por consternadas valquirias. Os ventos do sul parecem rezar pelos pinhais os responsos de esplendores finados. A manhã é nevosa e sombria e o ocaso tem uma brancura fria, de chumbo, como se num mês houvesse encanecido de amargura a fulva e rutilante cabeleira do sol, senhor do orbe. A hora que bate entristecidamente a sineta do campanário no céu lívido, entre as nogueiras descarnadas e hirtas, ao fundo do vale deserto, escurecido pelos restolhos enlamaçados, é a hora da tristeza e da saüdade. Para os homens que atingiram já a idade dos cinquenta anos, é mais particularmente invasiva e pungente a sugestão desta hora, porque nada corresponde com mais perfeita simetria de magoa ao outono do ano do que o outono da vida. Com a diferença talvez de que o desfolhar de uma alma contém um mistério ainda mais desolador que o desfolhar de uma floresta. E' a quadra em que o amor acaba no coração, assim como no jardim acabam as rosas. E quando intenta ainda coroar-se com as roxas violetas ou com os artificiosos crisantemos, que são as flôres da velhice, o amor dos cinquenta anos é freqüentemente uma fôrça, é algumas vezes uma tragédia, envolve-o sempre um pressentimento de ruïna, um antegoso da morte, e nunca mais é o idílio, o simples e descuidado idílio, que, aos 25 anos, duas criaturas, amantes e amadas, inocentes de todo o pecado de análise, imaculadas de todos os contactos da vil experiência, vão cantando enlaçadas pela cinta, através dos fenos e das papoulas vermelhas, ou entre amoras e madressilvas, em festões nupciais ao cantante murmúrio da água corrente, lampejante ao sol, pela mais doce vereda da vida.

Com o ideal do amor, base de tôda a poesia no coração do homem, todos os restantes ideais se contaminam, se abastardam ou se dissolvem, pelas rudes lições da idade, na religião, no direito, na moral, na política, na arte, porque as opiniões da mocidade são por natureza simplistas e absolutas, ao passo que as opiniões da velhice, extremamente complexas, sucessivamente complicadas por novos elementos de contraprova, tornando-se fundamentalmente relativas, dando em resultado essa dolorida fluidez da convicção, feita de dúvida, de benignidade e de indulgência, branco estado de alma, a que geralmente se dá, como classificação agrupante de sintomas mal descritos, o nome genérico e bárbaro de cinismo.

Há na natureza física, durante a evolução outonal, um curioso fenómeno de regressão meteorológica, ao qual se dá o nome de *verão de S. Martinho*. Não me parece que o ser humano, onde a caducidade não é intermitente como no mundo cósmico, mas constante, progressiva e irreparável, haja em realidade acidente fisiológico que tenha com o que se chama, na nossa climatologia, o *verão de S. Martinho*, qualquer relação que não seja estritamente metarfórica. Há, porém, nessa designação poética, em que certo estado atmosférico se alia ao nome de certo santo, uma intervenção do sentimento popular, sem valor para os astrónomos, mas de alguma importância para os psicólogos e os artistas.

Antes de baptizado e de convertido ao cristianismo, antes de tonsurado por santo Hilário, antes de coroado com a mitra de Tours, antes de biografado pela delicada pena de Supicio Severo, e de pintado pelo mágico pincel de Rubens, no quadro famoso do *British Museum*, S. Martinho foi, na mocidade, soldado das legiões do imperador Juliano. Num certo dia de borrasca, em pleno inverno, sob o vendaval e a neve, equipado e armado, montado a cavalo, rebuçado até aos olhos na capa militar, S. Martinho viu, ás portas de Amiens, um mendigo andrajoso e semi nu, tiritando de frio, estendendo suplicantemente para êle a sua pobre mão ossuda, ganchona e congelada. O santo sofreou o cavalo, acalentou com enternecida caridade a mão desse abandonado e, em seguida, desembuçando-se, tomou da espada, cortou pelo meio a sua capa de agasalho, deu metade dela a êsse miserável peregrino e, envolto na outra metade, sacudiu a redea e prosseguiu através da tormenta, de peito ao vento e à neve. Subitamente, porém, no caminho do soldado, a tempestade desfez se, amainou o tufão e a geada, o céu descobriu instantaneamente e, como por encanto, a sua inefável profundidade límpida e azul, e um sol de estio acariciante e resplendente, inundou a terra de alegria e vestiu de luz e calor, numa apoteose da natureza, êsse cavaleiro de caridade evangélica, mais pulcro e mais grandioso no seu branco cavalo de guerra que o cavaleiro do cisne na lenda dos Niebelungen, trazendo ao mundo, em vez do santo Graal, o resto de uma capa dada por amor a um pobre.

Deus, reconhecido, para que não se apagasse da memória dos homens a notícia deste acto de bondade praticado por um dos seus eleitos, dispôs que em cada um ano, na mesma época em que S. Martinho se desapossou da metade da sua capa, por alguns dias de gala se interrompesse o inverno, cessasse o frio, sorrisse o céu e a terra de um miraculoso contentamento, e um calor desusado do sol, ondulando no espaço, como o fumo cultual de um turibulo sagrado, saüdasse pela liturgia da natureza, sempre insensível e implacável para a vontade dos homens a memória daquêle que, em certo dia, humilde soldado, trotando a sós por um caminho, desafiou e venceu a fúria insuperável dos elementos, opondo-lhes o simples contentamento íntimo de um coração compadecido e benfazejo.

Esta lenda, tão ingénua e tão simples, é talvez um simbólico resumo, como tôda a obra da filosofia popular, a única filosofia do inverno, inexorável devastador da natureza e da vida humana.

Para não ter frio, repartir a capa por metade. Para não ser velho, arrancar para fora do peito o coração inteiro e reparti-lo todo.

O armistício

Passou ante-ontem mais um ano sôbre o Armistício da guerra de 1914-1918.

Quando se desfraldará no mundo a bandeira branca da Paz, tão almejada agora como então?

Capela das Barrocas

Continua entregue ao mais completo abandono esta relíquia do passado, à qual o tempo vem arruinando por não aparecer quem olhe pela sua conservação.

E' triste e imperdoável.

O preço do vinho

Baixou e não foi sem tempo, vendendo-se a 2$00 nalgumas partes e a 1$80 noutras. Ainda é um bocadinho puxado, porque hão-de concordar que há muito é precisa de ser consumido.

Para bem de uns...

No norte, principalmente na praia de Matozinhos, a pesca da sardinha tem sido abundantíssima, a ponto de ser vendida ao desbarato, o que constitue um alto benefício para os pobres. Queixam-se, porém, os proprietários das companhas de pesca de que o rendimento desta é tão deminuto que a continuar assim os coloca em sérios embaraços.

Acreditamos. Visto os que trabalham e arriscam os seus capitais precisarem duma justa compensação.

Regresso de tropas

Recolheram aos quarteis os contingentes militares que tomaram parte nas manobras do outono.

Os soldados, regressados a esta cidade ou que por ela passaram, mostravam-se alegres, contentes, sinal de que a jornada decorrera normalmente.

Ainda bem.

Notas falsas...

O caso da Pensão Jardim, de Anadia, tem dado que falar, por nele se acharem envolvidos dois gafanhões com pretensões a ricos!

Pois agora esperem-lhe pela pancada...

Cuidado com êles...

Não andam, positivamente, lobos no povoado. E também não anda, julgamos nós, moiro na costa. Mas que andam gatunos a pedirem que os prendam curto, como se faz aos burros em determinadas circunstâncias, lá isso é verdade. Que o digam o sr. Augusto Carvalho dos Reis, o proprietário da Adega Social e também o sr. dr. Manuel Soares, vítimas da quadrilha que tem feito das suas na cidade, onde existe um corpo de polícia sempre vigilante, mas, pelo visto, um tanto ou quanto distraído, como o prova a audácia dos operadores...

Oxalá com o alarme as coisas se modifiquem daqui em diante.

* *

Depois de escritas e compostas estas linhas, chega ao nosso conhecimento que a polícia conseguiu já prender dois larápios: Francisco Santos e Manuel Ferreira da Cruz, naturais de Ilhavo.

Vieram de perto. Resta saber se serão só êstes que andavam na limpeza...

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

A propósito do "Amor de Perdição„ no Teatro Aveirense

Pelo dr. Alberto Souto

Em Outubro de 1922 publiquei neste jornal—que tantas vezes utilizo para comunicar com os meus leitores—dois artigos intitulados *Aveiro na obra de Camilo*. O *Olho de Vidro*, principal objectivo dos meus escritos de então, servia de sub-título. O emocionante romance de Camilo Castelo Branco tecido à volta da desgraça do dr. Braz Luiz de Abreu que nesta cidade, depois de exercer a medicina, professou no convento de Santo António, foi também, por êsse tempo, objecto de um estudo de crítica histórica de Marques Gomes, que concluiu por uma grande fantasiação do romancista. O facto averiguado à face dos documentos não diminui os méritos do grande escritor, antes os realça. Camilo não escrevia história — romanceava! Não evitou a história pròpriamente dita, mas a sua grande veia era a de romancista. A sua imaginação fecundíssima foi o cinzel principal da sua arte. A verdade dos sucessos, na sua mão, representava o bloco de mármore nas mãos do estatuário, o barro sob os dedos de quem modela, o metal para o buril do cinzelador, o fio na urdidura da tecedeira.

Na obra de Camilo, o *Olho de Vidro* é o romance de Aveiro, não porque a paisagem ou o meio social ocupem a mente do escritor, mas apenas porque o epílogo da tragédia se passa dentro dos muros da antiga vila de Aveiro e em Verdemilho, o pitoresco lugar da vizinha freguesia das Aradas. Aveiro não tentou o criador genial que aqui localisa as cênas derradeiras do drama de Braz Luiz com a mesma indiferença com que as faria decorrer na mais incaracterística das terras de Portugal.

Camilo não conhecia Aveiro? Teria escrito de-cor e de longe, quando falou no recolhimento de S. Bernardino, onde a fanática dureza de Braz Luiz sepultou a infeliz esposa e as inditosas meninas suas filhas, e quando falou do convento de Santo António, onde o dr. Olho de Vidro se fez frade, e quando retratou o *Velho da Ermida*, vivendo e morrendo como santo no *Outeirinho* e na Quinta da Oliveira, do hoje lugar do Bonsucesso?

Em 1922 abordei o problema e expliquei. Camilo esteve em Aveiro antes de escrever o *Olho de Vidro*. Por sinal que se hospedou numa estalagem do Rocio onde se demorou alguns dias, tendo visitado Verdemilho e a Quinta da Senhora do Carmo ou da Oliveira, hoje propriedade do meu amigo João Maria de Oliveira e então pertencente à família do jurisconsulto Dr. Agostinho Fernandes Melicio e de José Fernandes Melicio, meu tio afim, que foi com Agostinho Pinheiro um dos fundadores da extinta Associação Comercial.

Mas Camilo, em regra, não descrevia a paisagem nem se preocupava com a pintura dos quadros da Natureza em que perpassavam os seus personagens.

As paixões, as ambições, as virtudes, os ódios, as maldades, os ridículos, os vícios e as desditas das famílias portuguesas e a nossa belissima língua, que êle tão bem manejou e aquentou de um novo vernáculo, foram o material precioso com que o seu grande e desventurado talento soube construir o edifício dos seus romances, tão populares que tôda a gente os conhece e de tanta valia que todos os estudiosos das letras pátrias lhes consagram investigações e dedicam culto.

O norte do país foi o teatro preferido para o viver das suas figuras e para o desenrolar das suas fabulações; mas Camilo deixa-nos apenas adivinhar a paisagem e não se prende nem demora com ela.

Não admira.

Até 1870, pouco mais ou menos, os nossos escritores não faziam descrições nem compunham quadros panorâmicos. Só com o naturalismo se começou a descrever e em Eça de Queiroz já a nova maneira literária atinge importância e relêvo, tornando-se freqüente, depois, o uso e abuso daquilo que hoje é moda chamar-se o *clima*, isto é a descrição minuciosa ou impressiva da paisagem física e do ambiente moral e social.

Ao tempo, a descrição, que veio a dar páginas soberbas ao Visconde de Benalcanfôr, a Ramalho Ortigão, a Fialho de Almeida, a D. António da Costa, a Eça de Queiroz, a Luiz de Magalhães, a Abel Botelho, a Antero de Figueiredo, a Aquilino Ribeiro e a tantos outros dos nossos artistas da pena, não entrara ainda nos moldes literários e nos hábitos dos romancistas.

Por isso a terra aveirense não gosa na obra camiliana da importância que a sua típica beleza tem assumido em tantos outros escritores e é por isso que a vemos simplesmente mencionada no *Mosaico e Silva* e no *Olho de Vidro*. Mas a honra chega para nos ufanar, tão grande ela é, e obriga-nos, a nós aveirenses de alguma cultura, a integrar a cidade no culto nacional, tão fervoroso e

Crónica alfacinha

Amo-te

Amo-te como a ave ama o ninho,
Amo-te como o dia ama a luz,
Amo-te como o triste o carinho,
Amo-te como o cristão a cruz.

Amo-te com loucura desmedida,
Amo-te em cada suspiro que dou,
Amo-te com uma paixão sentida,
Amo-te como mulher que sou.

Amo-te em cada estrêla ou flôr,
Amo-te com o mais puro amor,
Amo te em sonhos e em oração.

Amo te em cada dôr ou tristeza,
Amo-te em tudo da natureza,
Amo-te de todo o coração.

Lisboa, 9-11-943.

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Aformoseando

— o —

Sofreu radical transformação tanto no interior como no exterior, o estabelecimento de fazendas de que era proprietário o falecido comerciante sr. Manuel Lopes da Silva Guimarães e que hoje pertence aos seus herdeiros.

A *Loja do Guimarães* ficou com outra fisionomia, realçando agora na Rua Domingos Carrancho onde fica situada e tem vasta clientela.

Oxalá outros lhe sigam as pisadas, de forma a tornar Aveiro ainda mais atraente.

Cartas a uma amiga de longe

Novembro, 1943

Minha querida:

Há dias, quando te escrevi e te falei do último filme português, *Amor de Perdição*, não imaginava vê-lo tão de-pressa. Vi-o já, afinal, e fiquei contente, porque, desta vez, não se exagerava quando diziam que pertencia à categoria das boas realizações cinematográficas.

A fita está à altura da obra prima de Camilo, que em nada foi modificada. Estudaram pacientemente todos os personagens e, sem dúvida, conseguiram obter um equilíbrio absoluto e um desempenho apreciável. O romance foi folheado página por página no *écran* e a acção não afrouxa na tela. Nota se sempre a preocupação de em nada o alterar e assim, aquêles amores fatais de Tereza e Simão Botelho, que tornaram desgraçada tanta gente, são revividos na fita com o mesmo ardor com que Camilo os imortalizou no seu romance. Não exagero se te disser que ouvi soluçar num camarote visinho e que houve muito quem chorasse naquêle teatro à cunha!... Bastaria isto para fechar a boca a todos aquêles que dizem que o *Amor de Perdição* está absolutamente fóra da nossa época e que aquêles amores trágicos, sacrificados a ódios profundos até já fazem rir. Não digo que nos nossos dias, em que tudo é rápido e passageiro, haja ódios que levam ao exagêro de encerrar num convento uma rapariga, para evitar que ela case com alguém que desagrade à família. Fizeram de nós sêres pensantes e conscientes, com acção e utilidade, com personalidade e energia, de modo que seria impossível convencer-nos, pela fôrça, a desistir dos nossos ideais e a obedecer. A vida, o mundo, a época, tudo se modificou; mas através de tôdas essas mudanças alguma coisa existiu e perdurou —o sentimento. E êsse não pode deixar de se emocionar perante a desgraçada Mariana, que tudo sacrificou—a própria vida—por aquêle homem que nunca a poderia amar.

Em tôdas as mulheres vive e viverá sempre ao lado do modernismo que nos torna independentes, lutadoras e enérgicas, um bocadinho de romantismo e um pouco de poesia. E sendo assim, que admira que o *Amor de Perdição*, magnífico retrato da vida da sua época, nos não emocione sempre? Em cada rapariga de hoje há e haverá sempre um pouco de Mariana e de Tereza e em todos os rapazes tanto de Simão Botelho e de Baltazar Coutinho... E pensando bem e procurando, ainda hoje há amores de perdição, actualizados, é claro, mas sacríficados como o de Camilo, a vontades déspotas.

Belo desempenho e bom filme, em que tudo palpita como sentimento de sempre e tudo entusiásma como realidade que existiu. Pertence a última fita portuguesa à categoria dos filmes que se vêem com emoção e se guardam na memória. Recomendo-ta, pois.

Um abraço da

Zèmi

Rua Coimbra

Está sofrendo modificação no seu piso esta artéria da cidade, que sempre fica melhor a paralelos de granito.

Nós achamos.

O preço da batata

Estão em curso alguns processos instaurados contra comissários de venda de batata por terem exorbitado os respectivos preços.

Não querem crêr...

devotado, do nome, da obra e da vida do imortal e enorme Camilo.

* * *

Este pensamento e êste desejo de integrar Aveiro no culto camiliano por ocasião do centenário do grande escritor, levaram-me a projectar com o falecido, saüdoso e erudito músico dr. Vasco Rocha, a representação de uma peça teatral inspirada no *Olho de Vidro*, aproveitando o tema ligado à cidade e as aptidões cénicas, em verdade invulgares, do meio local, em muitas e brilhantes provas demonstradas. O nosso Liceu, superiormente dirigido, não faltou no concêrto das comemorações de 1925. Por mim pensei que, sendo certo ser o teatro musicado o predilecto da nossa gente, poderia resultar interessante fazer representar em honra de Camilo um drama musicado, escrito em Aveiro por um aveirense, sôbre o único romance de Camilo passado em Aveiro, com música de um maestro aveirense, drama que viria a ser realizado e cantado no Teatro Aveirense por gente de Aveiro em humilde mas original tributo de homenagem à memória do autor do *Amor de Perdição*. O plano despertou os naturais e ingénuos entusiasmos e apronţámo-nos, autores e auxiliares, para vencermos as dificuldades que de antemão bem conhecíamos e nos ameaçavam de longe com o risco do desastre e o ridículo do fracasso.

Eu escrevi o poemeto, raro atrevimento em verso do meu amadorismo literário, e Vasco Rocha começou a compôr a música, — que talento e saber tinha êle bastantes para arcar com a responsabilidade. A opera, em um acto, intitulava-se a *Paixão do Olho de Vidro*. Veio, porém, a morte e arrebatou o infelicíssimo Vasco Rocha — figura camiliana de grande artista, perdida na desordem do seu génio e dos embaraços de uma vida atormentada — e os meus pobres e malfadados versos ficaram inéditos, e entraram no «*Mundo dos Impossíveis*», tão saudosos e chorosos como as dolorosas figuras das sacrificadas do romance, na viuvez da música que, por certo, os viria a desculpar perante a condigna altura da homenagem a Camilo.

* * *

A passagem do excelente filme de António Lopes Ribeiro no Teatro Aveirense sôbre o *Amor de Perdição*, alvoroçou o nosso povo e sugeriu-me estas lembranças. Já no ano transacto, ali, ao fundo da Avenida, o Teatro Rentini esgotou as suas lotações, representando o drama extraído do famoso romance sôbre o qual João Arroio compuzera uma ópera lírica que subiu à cena no *Scala*, de Milão e no *S. Carlos*, de Lisboa. Agora repetiu-se o interêsse e renovou-se o anceio e o público encheu, em sessões sôbre sessões, o nosso velho mas glorioso teatrinho da Praça Municipal.

Vi as lágrimas nos rostos, ouvi soluçar e chorar, ao desenvolver-se o lancinante drama da dôr e do amor que o torturado de S. Miguel de Seide, visconde de Corrêa Botelho, parente de Simão Botelho, escreveu com o fel e sangue da alma na cadeia da Relação do Pôrto.

Vi chorar e ouvi soluçar o nosso povo!... E pensei que esta era a mais sincera e bela das homenagens que a Camilo se podiam tributar!

O povo de Aveiro não falhou nem faltou com as suas comovedoras lágrimas no culto que o Portugal que sabe sentir, dedica à memória do grande romancista do coração português!

* * *

A tragédia de S. Miguel de Seide ficou ligado o nome de um aveirense ilustre, o do médico que foi o dr. Edmundo de Magalhães Machado. Especialista de doenças dos olhos, Edmundo Machado fôra chamado por Camilo cuja cegueira avançava pavorosamente. Quando D. Ana Plácido despedia o dr. Edmundo na hombreira da porta, ouviu-se um tiro. Camilo Castelo Branco terminava a sua tragédia, metendo uma bala na cabeça.

Abalado profundamente por êste desgôsto e por outros que feriram a sua alta sensibilidade, o dr. Edmundo de Magalhães Machado fechou o consultório e abandonou, para sempre, a sua clínica, dedicando-se a estudos e esperiências agrícolas e piscícolas.

Foi um distintíssimo aveirense, que teve o seu *Elogio* feito por Jaime Lima na Associação Comercial, elogio publicado em volume no ano de 1900.

Certamente o não sabiam a maior parte das pessoas que no Teatro Aveirense agora choraram e soluçaram diante das imagens dolorosas de Tereza, de Mariana e de Simão, criadas pela dôr de Camilo e vivificadas na tela cinegráfica pelo bem orientado esfôrço de António Lopes Ribeiro.

A necessidade de viver

A terra, sempre ela, chama-nos, *a todos*, outra vez ao trabalho. A saudável lição que nos dá, através dos frutos com que nos sustenta; o amor que lhe criamos, porque a régamos com bagas de suor e a amanhamos com mil canseiras, tudo é pago, bem pago, pelo pão de cada dia, pelo sustento dos gados, a lenhagem que da confôrto ao lar, o viço das hortas, o perfume das flores. Bendito regresso à terra—que Péguy dizia encerrar grandes lições—porque nela se aprende a amá-la, aparte o sentido utilitário do seu cultivo.

A guerra fêz-nos debruçar mais intensamente sôbre ela exigir-lhe culturas intensivas, aproveitar-lhe tôdas as nesgas cultiváveis, arrotear outras—para que o pão não faltasse na mesa dos portugueses. Impunham-no as necessidades da nação; aconselhava-o o Govêrno de Salazar. Outra vez agora, na continuação dessa política económica e em época de preparação das sementeiras da próxima Primavera, o Ministro da Economia incitou a lavoura a prosseguir na campanha da produção, aconselhando-a também a limitar os seus gastos ao mínimo indispensável: *a produzir e a poupar*.

Contra as irregularidades do clima, mesmo contra a incerteza do lucro—é preciso lutar inquebrantàvelmente pela vitória da batalha do pão; é imperioso pôr acima do interêsse particular, o interêsse da nação. Aliás o Govêrno, dentro dos princípios da sua política económica, irá até onde fôr justo e necessário, como tem feito até aqui, para compensar a produção. Conta, por isso, que todos cumpram o seu dever confiados na honrada execução dessa política e estimulados pela consciência das próprias responsabilidades». Assim será, mais uma vez, pois se trata «do bem das famílias, da segurança da colectividade, da ordem e da paz social» *da própria necessidade de viver* na continuidade da tradição portuguesa.

Carta de Lisboa

Um aniversário

O 7.º aniversário da chegada de Salazar á pasta dos Negócios Estrangeiros foi celebrado pelo país com aquêle interêsse que a grandeza da obra realizada plenamente justifica.

De facto, nêste curto espaço de sete anos, a política externa realizada por Salazar constitue um dos melhores e mais belos capítulos da História do Estado Novo.

Graças a ela, Portugal pôde, desde a primeira hora da guerra de Espanha, manter uma atitude que muito contribuiu para que a Península pudesse ver-se definitivamente livre dos horrores da dominação comunista.

Mas a acção de Portugal se foi um serviço à Península, não o foi menos à própria Civilização Cristã.

Igual sentido de servir a Civilização Cristã e Ocidental, de servir a Europa tem sido desde o início da actual guerra a neutralidade mantida desde o primeiro momento, sem que, no entanto, como ainda há pouco o salientou o sr. Churchill na Câmara dos Comuns nem um só momento se deixando de cumprir as obrigações da Aliança secular com a Inglaterra.

Mantendo a mais estrita neutralidade, nós temos servido as conveniências superiores da Europa, temos servido a Humanidade e a Paz com um interêsse que até aos próprios beligerantes não pode deixar de ser caro. Se a isto juntármos o que tem sido e valido o desenvolvimento da amizade com a Espanha e o Brasil, fàcilmente nós teremos dado conta do valor da política internacional de Salazar, numa hora tão grave e difícil para a vida do mundo.

Nova campanha de produção

O Govêrno iniciou já a nova Campanha de Produção. Tanto a palestra feita pelo sr. Ministro da Economia ao microfone da E. N. como as declarações do sr. Sub-Secretário da Agricultura à Imprensa, convidando a lavoura a intensificar ao máximo a cultura dos cereais panificáveis de molde a compensar o *déficit* do ano passado, estamos certos e seguros de que por todos vão ser ouvidos.

É preciso produzir cada vez mais visto que se trata da própria necessidade de viver.

CORDEIRO GOMES

Secção feminina

DIRIGIDA POR MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

O lar, a cosinha

Se bem que pareçam elementares êstes conselhos êles servem para uma ou outra pessoa que os não recebeu da mãe ou já se esqueceu dêles pela falta de prática.

A cosinha é o compartimento que mais atormenta a mulher. E' nele que se preparam as refeições, essas coisas indispensáveis à vida e que com a falta dos géneros e carestia dos mesmos torna as donas de casa irritadas ou aborrecidas.

Pois minhas amigas: a cosinha tem de ser alegre, fresca e arranjada de modo que ao entrarmos nela nos esqueçamos de tôdas as dificuldades e o seu ambiente nos desanuvie o espírito.

Nas cidades, por vezes, são tão pequeninas que mais parecem cosinhas de bonecas; mas nas casas de campo costumam ser grandes.

Quer duma maneira, quer doutra, deve sempre chamar a si a atenção dos que nela entram, pela ordem e asseio, confôrto e elegância.

O soalho deve ser esfregado. E' falta de conhecimento ou de raciocínio encerar-se a cosinha, ou então vontade de estar constantemente trabalhando nêle para o manter capaz. Só se devem encerar as de corticite ou cimento.

Há quem ponha pedaços de oleado espalhados aqui e ali, sacas, panos, etc. Além de ser perigoso, porque há o perigo de se tropeçar a cada momento, é feio. Um tapete na porta da entrada é o suficiente.

As paredes devem ser laváveis e quando o não sejam caiar-se-ão amiudadas vezes.

Não é bom costume guardar-se a limpeza só para o sábado. Duas vezes por semana devem as paredes ser vasculhadas e se alguma mancha houver, tira-se. Em logar dos vulgares papeis na grade da louça, usa-se, com grande vantagem, tiras de pano (riscado) da altura das grades e que serão iguais à costeira da chaminé e aos panos de cosinha. Podem ser bordados com desenhos próprios em ponto de pé de flôr ou de cruz em côres vivas, ou simplesmente recortados. Uma vez sujos substituem se por outros e lavam-se, o que é mais económico, higiénico e interessante do que os papeis.

As louças velhas ou novas, devem andar tão areadas e brilhantes que agradem à vista.

Se passarmos um pano húmido quando a panela ou cafeteira está quente do lume, limpa-se depois com mais facilidade.

A pedra pomes em pó, misturada com sabão, limpa perfeitamente alumínios, esmaltes e barro.

Deve, depois, haver ordem na colocação das louças, isto quando não haja os armários de rede ou vidro, mais modernos e que permitem conservar estas louças fechadas. As cafeteiras ficarão tôdas seguidas; por baixo alinharão as panelas, depois os tachos e por fim os pucaros, coadores, espremedores e objectos miudos.

O armário deve ter as prateleiras forradas de pano igual ao restante da cosinha. E nelas se disporão em devida ordem também o que lhe quizermos meter dentro.

E' indispensável que a chaminé tenha as paredes bem lavadas ou caiadas. A parte superior será bem vasculhada duas ou três vezes por semana. Pode haver um descuido, um tacho destapado, uma porcaria que cai dentro e... um jantar deitado fóra.

Os fogareiros ou fogões limpam-se tôdas as noites e areiam-se se fôr preciso; não devem ter cinza, que impede a circulação do ar e impede o bom funcionamento.

A pedra da chaminé será bem esfregada e escaldada umas vezes por outra com um pouco de potassa para lhe tirar a gordura.

Debaixo da chaminé acumulam se com facilidade poeiras; é necessário, sempre que se fizer a limpeza, tirar tudo, varrer e lavar convenientemente para arrumar de novo.

A mesa da cosinha que não tenha nódoas e se possível fôr cobre-se com um oleado ou fôlha de zinco que será encerado de vez em quando ou areado.

Os alguidares lavam-se com água quente e sabão, escorrem-se e limpam-se depois de servirem.

Além de pelo menos 3 panos para a chaminé (costeiras) 3 para os poiais, 3 para as grades e prateleiras, são necessários 12 quadrados, de preferência também iguais, para a louça e ainda 3 ou 4, brancos com que se cobre a hortaliça cortada, a carne picada, se secam as batatas para fritar, etc.

Num dos cantos de cada pano pode bordar-se um copo, um talher, um prato ou uma panela. Assim ao olharmos para o desenho já sabemos que aquêle é o dos vidros, o outro o dos talheres, etc. Todos terão uma argola de nastro para se pendurarem e podem ainda ter as iniciais da dona de casa dentro do próprio desenho.

A ordem é factor principal para a cosinha. Cada coisa no seu logar, um logar para cada coisa. Tudo feito na sua hora e uma hora para fazer cada coisa, são máximas antigas.

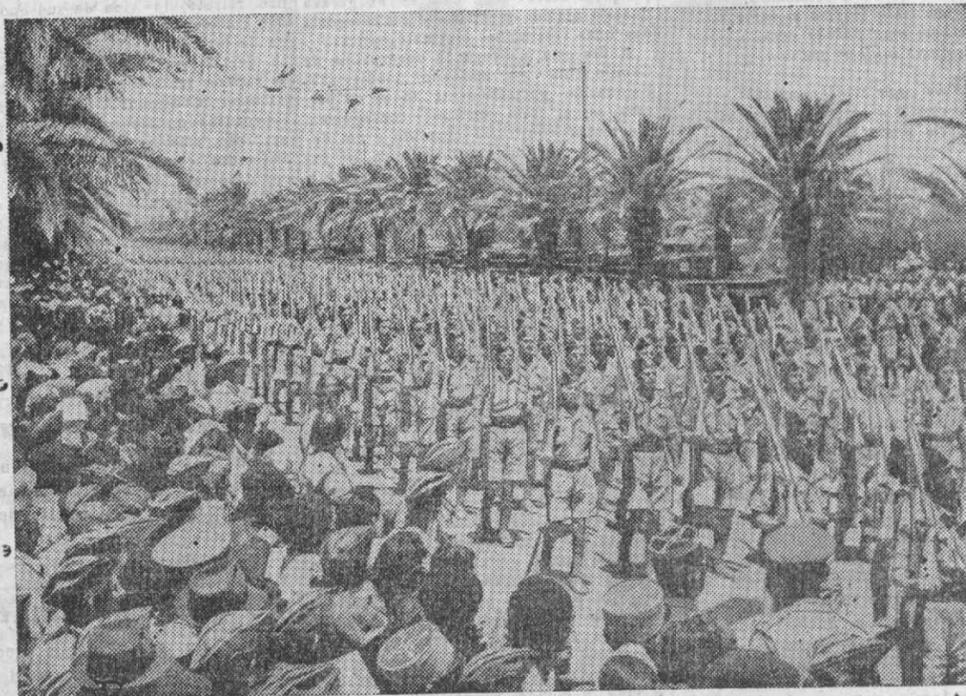
Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: ámanhã, a sr.ª D. Auzenda Testa, irmã do sr. João Rodrigues Testa, da acreditada firma Testa & Amadores; no dia 15, o sr. capitão Gumerzindo da Silva, de Infantaria 10; em 16, os srs. eng. Mateus de Lima, adjunto da Junta Autónoma da Ria e Barra; João Mota, empregado no Banco Regional, e Alberto de Oliveira Carvalho, gerente da filial da Companhia Industrial de Portugal e Colonias, e a interessante Maria Eneida Lopes Brites, filha do sr. João Baptista do Amaral Brites, 1.º sargento de Infantaria 10; em 17, a sr.ª D. Clotilde Correia e Silva, esposa do sr. tenente Natividade e Silva, e o nosso amigo Adelino A. Soares Leite, de S. Nicolau (Braga); e em 18, a sr.ª D. Maria de Lourdes Carvalho Costa, esposa do sr. Joaquim da Costa, escriturário da Direcção de Estradas do Distrito, e o sr. José Maria dos Santos Carvalho, residente em Lisboa.

Doentes

Tem andado doente da vista o sr. João de Morais Sarmento, digno escrivão de Direito da comarca, a quem desejamos completo restabelecimento.

A' MARGEM DA GUERRA

ENTRADA DAS TROPAS BRITANICAS EM TUNIS

Secção Agrícola

Matéria Orgânica

Agora que o lavrador tem as suas sementeiras feitas e, por isso mesmo, um pouco mais de sossêgo, é a ocasião de se conversar com êle, lembrando-lhe que é chegada a ocasião de começar a pensar e a tratar de conseguir a matéria orgânica suficiente para alimentar as suas terras.

E' certo e sabido que da boa estrumação depende uma boa colheita e, sem a primeira, de forma nenhuma se pode conseguir a segunda.

Não quer dizer por boa estrumação, estrumação em demasia. Não; é preciso regrar tudo em ordem.

Afigura-se ao lavrador, regra geral, difícil fazer uma boa estrumação visto contar apenas com o estrume dos currais e mais nada. Nêste raciocínio é que está justamente o êrro, pois o lavrador pode, querendo, fabricar todo o estrume de que precise, bastando-lhe que tenha sempre em mente que *na lavoura não há desperdícios*, e que aproveite e faça aproveitar pelos seus subordinados tudo o que para tal se considera indispensável, como seja: a rama das batatas (quando não atacada pelo escaravelho (¹) ou quando não houver necessidade de a aproveitar para alimentação de gado, as ramas dos feijões e das ervilhas, tôdas as ervas, (ainda mesmo as consideradas ruins) os lixos provenientes das varreduras dos jardins e das casas, todos os restos das cozinhas, as cascas dos ovos, as cinzas de madeira, os excrementos, os fetos, a ramaria do arvoredo, o serrim, a caruma do pinheiro, etc. Tudo é aproveitável.

Para obter apreciável e bom estrume deve o lavrador empilhar todos os detritos de que possa lançar mão em camadas sucessivas e entrepostas com estrume de curral, pocilgas, ovis, coelheiras, pombais, galheiros, etc., distribuidas de forma a que de 30 em 30 cm. fique uma camada de estrume de curral, ou outro e assim sucessivamente até 2 ½ a 3 metros de altura, o máximo, não importando a largura ou o comprimento.

O solo onde assentar a pilha, deve ser tanto quanto possível estanque e à falta do terreno cimentado deve ser bem batido, evitando, desta forma, a perda dos líquidos, levemente inclinado, tendo no seu vértice um depósito para receber as escorrências, servindo, perfeitamente, à falta de melhor, uma cisterna ou uma barrica preparada para não verter, devendo ser com os líquidos ali depositados regada, de novo, a pilha sempre que se torne indispensável, para o que é preciso vigiar a curtimenta com cuidado para lhe levar a unidade necessária quando a fermentação tenha tendência a parar.

O chorume para regar a pilha, pode ser a conhecida *água choca* e à falta dela recorrerá o lavrador ao chorume artificial, preparado com cal azotada ou sulfato de amónio e, na falta dêstes produtos, à cal.

Quer nos estábulos, quer nas estrumeiras, deve haver sempre espalhado em quantidade, gêsso que evitará a perda de azote.

Evidentemente que o ideal seria a construção de nitreiras próprias e cobertas, que embora aparentemente pareçam caras, compensam por largo a despesa feita, bastando que o lavrador tenha em mente que a nitreira é a fábrica da sua exploração agrícola.

A' falta de melhor e até à construção da nitreira, que virá a seu tempo, remedeia o lavrador com a forma que atrás explicamos.

E' de tôda a conveniência que as pilhas do estrume sejam feitas em lugar abrigado e cobertas tanto quanto possível, ainda mesmo que à falta de cobêrto próprio o sejam com simples tábuas em cime ou com mato ou palhas, evitando que as chuvas continuas *lavem o estrume* e lhe arrastem grande parte essencial e o sol lhes faça uma perda apreciável de azote.

A-fim-de que o lavrador possa apreciar das vantangens do aproveitamento dos lixos, cumpre-nos elucidá-lo de que os mesmos, depois de transformados, são 3 vezes e meia mais ricos em ácido fosfórico, duas vezes mais em azote e a mesma equivalência em potassa que o estume de curral. *(Jeanes Aguine Andres, Eng. agrónomo. «Revista Agricultura», Janeiro de 1943).*

Como elemento de estudo e elucidação aconselhamos a leitura do folheto da autoria do Eng. agrónomo Artur Castilho—*Como obter Matéria Orgânica* —que está feito, para distribuïção gratuita, pela Repartição de Estudos, Informação e Propaganda do Ministério da Economia, para onde pode ser pedida ou para o consultório Técnico a que abaixo nos referimos.

(¹)—Neste caso deve a rama ser queimada e as cinzas lançadas à água.

Consultório Técnico Agrícola

(Grátis)

COUPÃO
Consulta Técnica
O Democrata

Êste consultório responderá, *gratuitamente*, a tôdas as preguntas sôbre assuntos agrícolas, tais como: doenças e meio de as combater, remédios agrícolas, fungicidas, produtos oenológicos a empregar, adubos e adubações, correcções, etc., etc., desde que nas mesmas consultas seja mencionado o nome do nosso jornal, tendo preferência de resposta imediata as consultas que acompanhem o *COUPÃO* que publicamos acima.

A correspondência deverá ser dirigida para: *ARA* (Secção Técnica), rua da Conceição, 27—Pôrto.

Declaração

Maria da Conceição dos Santos Pereira, vem tornar público de que não se responsabiliza por dívidas contraidas por seu filho, José dos Santos Duarte, sem sua autorização.
S. Bernardo, 12-11-1943.

Atenção para a 4.ª página

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	11,15 (»)
6,54 (tram.)	15,41 (tram.)
11,10 (tram.)	19,34 (rápido) ¹
13,23 (rápido)¹	21,52 (recov.)
17,24 (tram.)	Do Porto chegam
20,40 (»)	tram. às 7,53 e 21,07 que não seguem.

(1) Às terças e sextas-feiras.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
8,04	10,48
13,50	15,20 (¹)
16,20 (¹)	19,11
19,42 (²)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

«O Democrata»
ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.

NECROLOGIA

No Porto finou-se esta semana, com 66 anos, o sr. Belarmino de Sousa Lelo, antigo sócio da acreditada Livraria Lelo e tio dos srs. José de Mesquita Lelo, residente naquela cidade, e Raúl Lelo, actualmente em Luanda (África Ocidental).

O conceituado livreiro era muito considerado no meio comercial devido ás suas primorosas qualidades de carácter e o seu cadáver foi a enterrar, civilmente, no cemitério de Agramonte.

A tôda a família, as nossas condolências.

Correspondências

Esgueira, 10

A Junta de Freguesia mandou limpar algumas ruas da localidade que há muito estavam a pedir a intervenção de quem de direito.

Não foi sem tempo. E vamos a vêr quando caberá a vez à fonte da Biquinha.

—Foi promovido a 3.º oficial, sendo colocado na Direcção de Finanças de Lisboa, o nosso amigo José da Silva Neto, que ultimamente fazia serviço na Secção dessa cidade.

—Esteve entre nós, de visita a sua família, o sr. Manuel da Cunha Feio, aspirante de Finanças de Vouzela.

—Encontra-se de cama com a saúde um pouco abalada o sr. Filinto Elisio Feio, funcionário da filial da Caixa Geral de Depósitos.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

—Tem melhorado a mãi do nosso amigo Américo Ramalho, o que estimamos.

—Festeja âmanhã o seu aniversário o sr. Raúl Ramalho.

C.

Quintans, 11

Na nossa estação do caminho de ferro deu-se, no domingo, uma ocorrência que consternou tôda a gente que dela teve conhecimento. Quando aqui passou, depois das 14 horas, o comboio de mercadorias 2.003, tentou descer na *gare*, mesmo com a locomotiva em andamento, visto não ter paragem, o montador do depósito de máquinas do Entroncamento, Alvaro Pereira Afonso, que viajava num jota. Fê-lo, porém, numa hora infeliz, porque, tendo-se desiquilibrado, foi colhido pelo rodado que lhe esmigalhou uma perna e o cortou ao meio, dando-lhe morte imediata.

A vítima devia ter uns 50 anos, pouco mais ou menos, e era natural de Lazarim,(Lamego). Na manhã de segunda-feira compareceram as autoridades de Aveiro, que procederam às formalidades legais, e de tarde realizou-se o funeral para o cemitério da Oliveirinha, dando-se cênas lancilantissimas à chegada da família e quando se procedeu ao enterramento do cadáver.

Oxalá esta imprevidência sirva de exemplo e evite a sua repetição.

C.

Visitai o Parque da Cidade